

TEMPO.

TEMPO.

TEMPO.

Marina Reifschneider

Vivemos preocupados contando o tempo, perseguidos pelo passado, lamentando o tempo perdido, esperando o futuro, certos de que cedo ou tarde nosso tempo acabará. Ele nos ameaça e domina; nos une na certeza da morte. Tempo, fonte de angústias. Talvez por isso a busca por religiões, pois estas falam de eternidade, prometem um tempo além desse efêmero em que vivemos mergulhados. Talvez possamos pensar o tempo como Vinícius o amor – *eterno enquanto dure*.

Mas afinal o que é o tempo? Agostinho nas *Confissões* disse saber, mas quando lhe perguntavam o que era, não sabia responder. Pensamos o tempo em termos de passado, presente, futuro. O senso comum nos diz que para nós o tempo começa no dia em que nascemos e termina no dia em que morremos. Será? Não seria nosso início a concepção? Ou seria o dia em que nossos pais se conheceram? O início é um instante arbitrário, assim como o fim. Vemos o mundo a partir de artifícios, de convenções sociais. Entretanto, curiosamente, o Gênesis afirma “do pó para o pó”. Um passado e um futuro que se confundem.

Pensamos o presente como resultado do passado e o futuro como resultado do presente. Causa e efeito. Será mesmo que os eventos ocorrem inevitavelmente? Ou seria isso uma ilusão que nos aplaca a consciência, um ardil que nos isenta de responsabili-

dades? Qualquer evento, por fútil ou grave que seja, acontece no presente. O passado são lembranças de um tempo presente, o futuro sonhos de um presente que virá. Seremos de fato irremediavelmente fantoches de fatalidades, levados vida afora pelos caprichos do tempo? Não creio. Borges dizia: “O tempo é a substância de que sou feito”. Sendo assim, quando delatamos o passado pelo que acontece em nossa vida e à nossa volta é a nós mesmos que denunciamos. Não seria esse o não-tempo do inconsciente? Sentimos a força do passado pois não passou. Pensamos nossa história a partir de experiências emocionais. Na clínica percebemos esse fenômeno via transferência. O *passado* presentificado no setting analítico, o trauma repetido no aqui e agora possibilitando a ressignificação daquilo que nos mantinha cativos sob camadas de resistência, culpa e medo. Vivenciamos uma apropriação daquilo que conhecíamos sem saber e negávamos.

Aprendemos que os instintos nos movem: se tenho fome como, copulo para manter a espécie, se sou ameaçada luto ou fujo. Será mesmo? Afinal posso escolher não comer, não procriar, não lutar ou fugir. Posso escolher morrer. Não somos somente o animal em nós. Entretanto sentimos que algo nos move. Freud faz distinção entre instinto e pulsão, uma força no limiar da mente e do soma. Pulsão, o que nos impulsiona; *drive* – o que



nos guia. Entretanto, posso também decidir não ser guiada. Sinto ódio e não mato. Desejo, mas pondero entre satisfação e valores. Posso também não ser passiva quanto às pulsões, se me conheço.

Experenciamos o tempo. Não é algo fora de nós. Conectamos eventos a emoções. Isso é tempo: não eventos em sequência, mas camadas de afetos: ambição, inveja, amor, ódio. Sofrimento. Não o repetitivo, monótono, sequencial tempo do relógio e calendário. Tempo é vida e a vida é fluida. Eventos não acabam para que outros comecem – fluem. Eventos presentes não são causados por eventos passados; são aqueles quiçá modificados. Eu sou sempre eu – transformada. A menina que fui se tornou a mulher que sou. Estamos em processo. Na melhor das hipóteses nos modificamos. Na pior passamos a vida a repetir, patinando em um círculo vicioso. A vida é feita de verbos, não de substantivos. Por isso dizemos que estamos em formação. Se algo nos move,

penso que seja curiosidade. Curiosidade por conhecer, por nos conhecermos. A ela me entrego sem cobranças. É isso análise para mim – oportunidade de dar rumo à busca por quem sou, por quem almejo ser. Em dupla nos conhecemos, transformamos nosso mundo interno. Livres de amarras vislumbramos a liberdade de existir.

Se como sujeitos podemos nos libertar de uma cegueira auto imposta, por que como sociedade insistimos em existir nesse pântano de corrupção? Recentemente vimos nosso país se partir em dois. Cada lado a culpar o oposto. Esse racha ficou patente nas eleições, mas quando foi que começou? Fala-se em um antes e depois do impeachment, ou golpe, a depender de que lado estamos. Impeachment ou golpe? Palavras vêm carregadas de emoções. Dilma, herdeira do Lula – presidente operário que prometeu um Brasil sem corrupção. Estranhamente tal qual o atual. E quando foi que começou a corrupção? Em governos anteriores? Mas qual?

É sabido que o Brasil nasceu corrupto. Caminha, ao anunciar na famosa carta o descobrimento, pede ao rei um favor para um parente – primeiro ato de nepotismo em terras brasileiras? Público e privado já se confundiam na colônia. Corrupto também nasce o Reino Unido: ao desembarcar no Rio e receber de um traficante de escravos a Quinta da Boa Vista, D. João o torna “amigo do rei”, garantindo privilégios. Sim, a mesma Quinta cujo incêndio lamentamos e da qual nos orgulhámos, fazendo vista grossa ao seu abjeto início! Daí para “conceder” títulos de nobreza por dinheiro foi um pulo. A “caixinha” e o “toma lá, dá cá” não são de agora. Um ditado da época dizia: *Quem furta pouco é ladrão, quem furta muito é barão e quem furta mais e esconde passa de barão a visconde*. Soa familiar? Onde a “nobreza” da contemporaneidade brasileira senão nos altos cargos dos três poderes? E a corrupção continuou no Império. Continuou ou veio do Império? Que império, o de D. Pedro ou o Romano? Nesse, “proteção” era cobrada dos camponeses por militares. Já dizia Sócrates, é muito mais fácil corromper do que persuadir. Onde o início, onde o fim? O início se perde no passado longínquo e seus efeitos se estendem ao futuro infinito. Eternamente? Clarice disse que “a eternidade é o estado das coisas neste momento”. Creio que seja.

E o estado das coisas é semelhante ao que vivia Castro Alves. Seguimos na mesma realidade dantesca. Nossa bandeira inda cobre infâmia e covardia. Ignorantes e alheios, das arquibancadas exportamos o Carnaval, triste festa-espetáculo onde a multidão desamparada cambaleia, chora e dança, geme e ri, delira e enlouquece, embrutecida pelos martírios do apenas sobreviver. Em noites vagarosas imagens desoladas saem dos noticiários povoando o escuro e eu que não creio, assim como o Chico, peito apertado, perplexa, me pego a rogar: *Senhor Deus dos desgraçados! / Dizei-me vós, Senhor Deus, / Se eu deliro... ou se é verdade / Tanto horror perante os céus?!...* Entretanto dizem que não temos mais escravidão. Será mesmo? As moradias duvidosas; o esgoto a céu aberto; a falta de médicos, remédios e leitos hospitalares; as

escolas sem banheiros, sem carteiras, sem merendas, professores mal pagos e malformados são a escravidão continuada. Em vez do açoite os senhores empunham corrupção. Imagino que a insônia que não os afeta sorrateira invade minha mente, espanta sonhos e o desalento se apossa de minha alma. Rogo sem crer mesmo sabendo que não serão os deuses, os mares, as tempestades ou os heróis do Novo Mundo a nos salvar. Nem esse novo governo. Nenhum governo.

E a psicanálise, qual seu papel social? Penso que se tem algo a oferecer é esse saber: assim como nosso mundo interno, a realidade em que vivemos somos nós que mantemos ou transformamos. Não é culpa do passado ou dos outros se permanecemos um país de terceiro mundo, mas responsabilidade de cada um de nós. É escolha de cada brasileiro individual e coletivamente. Nossa história corrupta não determina nosso presente ou limita nosso futuro como nação se ousarmos nos conhecer, responsabilizar, implicar. É preciso admitir que ao nosso povo humilde falta tudo que tomamos por certo em nossas vidas privilegiadas. Acesso à moradia, saúde e educação é o mínimo que devemos. E aos nossos governantes, legisladores e juizes que, como nós, tiveram e têm acesso a muito além do essencial, penso que falta empatia. Falta poesia. Pois como permanecer imune ao sofrimento alheio tendo lido *O Navio Negreiro*?



Marina Reifschneider é membro do Instituto de Psicanálise Virginia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.